

## O NEGRO E O ESPELHO



Um negro selvagem, bem pouco esperto.  
Achou um bello espelho no deserto.

Scismou e matutou, pois não sabia  
Do espelho mysterioso a serventia.

Ao chão o espelho atira, desesperado,  
E fica inda scismando admirado.

Agarra-o com a teima d'um selvagem,  
E n'elle encontra a propria e feia imagem



Que história! brada muito admirado  
O preto com o queixo arreganhado.

O rosto volta então com sabio tento,  
Mas o espelho imitou-lhe o movimento.

Pondo então o pollegar no seu nariz  
Fez um gesto trivial em Paris!

Vendo fazer o espelho igual acção  
Procurou o auctor da mangação.



Poz as costas o espelho, e azoado  
O sujeito encontra sempre estampado.

De joelhos, mãos no chão, espelho ao ar...  
E o patife p'ra elle sempre a olhar.

Pucha então dos seus brios de selvagem  
E a murro parte o espelho e a imagem

Eh! grita vendo a mão ensanguentada  
O maroto ferrou-me uma dentada!...

## OS NETOS DO SENHOR VENANCIO

## I

Laura é o nome d'uma creancinha interessantíssima e adorável — como nem os poetas nem os pintores pôdem ou sabem descrever — com quem immediatamente sympathizam as pessoas que uma vez a vêem ou tratam, porque é d'uma belleza fascinadora e tem os mais apreciáveis e delicados sentimentos.

Fez ou está prestes a fazer sete annos.

Paulo, seu irmão, mais velho anno e meio, é tambem uma creança formosa como Laura, mas mau como um diabito, segundo a expressão do senhor seu avô, ou mau como a sarna, segundo a expressão da velha Amalia, creada sua e amiga dedicadissima — não obstante as pirraças que elle lhe prega e os desgostos e as inquietações que frequentemente lhe dá.

Mas tambem, justamente pela sua maldade — para o castigarem — todos — a partir do sr. Venancio, seu avô materno, que lhe quer como ao vêr dos olhos — o tratam com pronuncia e acabrunhadora indiferença. Ninguém o acaricia; ninguém o estima; ninguém se sorri para elle! Avô, professor, creados — todos! todos o tratam mal.

E serão dignas de estima as pessoas que se não conduzem bem? Não, por certo. Aquelles cuja vida é desregrada e menosprezam os seus mais sagrados deveres, segundo a sua condição, não são credores das boas graças de ninguém.

Assim, por exemplo, os meninos que não são obedientes a seus paes, tutores ou superiores; que não respeitam as pessoas mais edosas; que não tratam com urbanidade os seus serviços, inferiores ou eguaes; que deixam de proposito de cumprir qualquer dos seus deveres; etc., etc., não são merecedores da estima de ninguém.

Os ricos, que não soccorrem os pobres necessitados — sendo esse um dever seu, imposto por Deus; que dissipam os seus haveres em coisas futeis e não attendem os clamores dos desgraçados, como que insultando-os assim e rindo da sua deplorável sorte; etc., etc., etc.; não tem direito á veneração dos outros:

Os chefes de familia, que não são sollicitos no desempenho dos encargos que contrahiram, e porque são responsaveis á face de Deus e dos homens — como são o de trabalhar e prover ás necessidades do seu lar, e muitos outros — não são dignos do amor dos seus semelhantes:

Os.....  
.....Emfim: todos tem deveres, sem o cumprimento dos quaes não são senão uns entes indignos e desprezíveis. E sobre isto, como sobre muitas outras coisas, que convêm que os meninos e os homens saibam e fixem bem na memoria, para as praticarem em occasiões propicias, — eximindo-se assim a fazerem uma figura triste e captando a estima de todos, — fallaremos mais adiante pela bocca do sr. Venancio.

O venerando ancião, que sabe de tudo um bocadinho e explica as coisas por fórma tal que todos o comprehendem, vae brevemente ter a

palavra, e por certo ha de interessar muito e delectar muito mais os pequeninos leitores, porque tanto se occupa em instruir como em fazer rir a estalar. É um velhote estimavel, verão!

Os seus encantos são a sua netinha Laura, que, diz elle, e nós o confirmamos, é o anno da alegria, da paz e da felicidade. Se em casa ha tristezas, basta um sorriso seu para as apagar: se ha lagrimas, as suas, — que brotam então subitamente, porque soffre quando vê soffrir — estancam-as logo — porque ninguém quer vê-la chorosa e mortificada; se ha dôres, os seus ternos beijos fazem-as desaparecer immediatamente; se ha... oh! emfim: onde ella estiver todos riem e exultam francamente de alegria. Tão amada e estremeçada ella é!...

Se ella morresse, ai! como o pobre velho ficaria triste e inconsolavel, e a sua perda seria eternamente chorada! E tambem ella, a angelica menina, se lá na celeste mansão se podesse sentir a dôr que na terra se experimenta, como não deploraria saudosa a auzencia do seu melhor amigo, enquanto o não visse junto de si!...

Oh!... mas não pensemos agora em coisas tristes. Prosigamos na nossa narração, que facilmente se reata.

Laura é uma creança activissima, muito intelligente, curiosa, amiga de saber — e tambem de brincar, diga-se a verdade, mas em termos, e depois de cumprir cabalmente com os seus deveres — razão porque é querida de todos.

Paulo é tambem muito intelligente, mas um traquinas, que parece ter azougue no corpo. Não está um momento socegado — nem mesmo quando dorme, — diz o senhor seu avô. Não é nada comedido, não cura das suas obrigações, emfim, é um diabito — razão porque é mal tratado, com bastante dôr de todos, e especialmente do sr. Venancio.

Um e outro frequentam o mesmo collegio, lá na aldeia onde vivem; mas Paulo com pouco ou nenhum aproveitamento, porque, como lhe chama o seu professor, é um cabeça de alvêloa.

Como uma avezinha que ha, conhecida por este nome, está sempre com a cabeça em movimento, isto é, distrahido, abstracto — a pensar na brincadeira ao mesmo tempo que no estudo — e assim, já se vê, é impossivel aprender coisa alguma.

Mas Laura, pelo contrario, estuda com gosto e applicação. Toda a sua attenção se concentra no estudo, nas horas em que se dedica a elle, e nada mais lhe lembra então. Se tem uma duvida — se as explicações do professor a não satisfizeram, ou se lhe lembra qualquer coisa, — eil-a que vae apressadamente ter com o avôsinho, como ella lhe chama, e, depois de o beijar, pede-lhe que a elucidie — o que elle faz sempre com mil vontades e extremamente contente, porque sempre está prompto para ensinar e destruir duvidas. Agora, quando lhe appetee brincar, eil-a tambem que vae ter com o avôsinho, que está sempre de braços abertos para a receber e aturar. E então, o velho venerando e a mimosa creança, confundem-se como se am... estives-

sem na primavera da vida. Saltam, riem, escondem-se detraz das portas, debaixo das camas ou das mezas, e...

Só n'estes momentos é que Paulo se associa a elles, porque para folgar ou ouvir contos e lendas, — que o sr. Venancio engendra habilmente para lhe desenvolver o amor pelo estudo — está sempre prompto. De resto, sae do collegio, entra em casa, atira com os livros como trastes sem prestimo, corre apressadamente em busca do avô, para lhe pedir a benção como para deitar uma carga fóra, e cil-o que vae, depois de receber a benção e os beijos do seu melhor amigo, entregar-se aos seus endiabrados e por vezes perigosos entretenimentos.

É um tal travesso!... Mas já foi peor, e o senhor seu avô jurou a si regenerar-o sem o contrariar.

No dia em que principia o nosso romancesinho, que por necessidade é singelo no enredo e estylo, os netinhos do sr. Venancio, Laura e Paulo, estão sentados junto d'elle, um de cada lado, no parque da casa e á sombra d'um gigante chorão, cheios de curiosidade e anciosos porque o avôsinho dê começo ao conto que lhes prometteu.

(Continúa)

FRANCISCO LOBO CORREIA DE FARROS.



## A GUARDA PASSA

(JOGO INFANTIL)

Este jogo pôde ser jogado por numero indeterminado de creanças.

Colloca-se ao centro da sala, ou do jardim, uma fila de cadeiras, costas com costas.

Todos têm a sua cadeira, menos um. Se as cadeiras são em numero impar, colloca-se a ultima n'um dos topos da fileira. A cada cadeira dá-se o nome de casa.

Estando tudo assim disposto para o jogo, elegem-se um dos jogadores para capitão, o qual, como insignia do seu posto, traz na mão uma varinha ou uma bengala, simulando a espada. O capitão abre a marcha, sendo seguido pelos demais, andando á roda das cadeiras, ora a passo, ora a marche-marche, ora correndo, cantando

sempre, como nos *Huguenotes*, ou coisa parecida:

A guarda passa, é ir dormir  
Deu meia-noite, é não tirar.

Em quanto aprouver ao capitão andar em qualquer passo e cantar, cumpre acompanhá-lo. A's vezes, para enganar os soldados, o capitão caminha vagarosamente, chega-se para as cadeiras, como se deliberasse sentar-se, e canta lentamente:

A guarda passa, passa, passa...

Era uma entrega; porque, de repente, desata a correr e a cantar a bom cantar:

A guarda passa...  
Deu meia-noite, etc.

e todos o imitam.



Cumpra, todavia, terminar: o capitão assenta-se, e todos devem fazer o mesmo, rapidamente; um, porém, fica a chuchar no dedo, como diz o rifão, porque falta uma cadeira. Então o capitão avança para elle e dá-lhe a voz de preso. O pobre captivo é detido a um canto, longe do jogo, e para allí fica sósinho, esperando que lhe chegue algum companheiro de infortúnio.

Retira-se uma cadeira, ou casa, e o jogo continúa.

(Dos Recreios collegiaes.)

Uma nota deliciosa colhida na carteira de um viajante.

No Indostão, quando uma creança nasce, o sacerdote dirige-lhe a seguinte allocução:

— Creança! entras no mundo chorando, ao passo que todos sorriem ao redor de ti. Trata de viver de modo que possas sahir d'elle sorrindo ao passo que em redor de ti todos chorem.

UMA AGUARELLA DE FORTUNY

A gravura que publicamos com este título é reprodução d'uma aguarella do grande pintor hespanhol, Mariano Fortuny, que ha annos morreu em Roma, quando pelo seu talento chegára ao mais elevado grau de gloria artistica.

O pequenito que védes sentado n'aquella magestosa cadeira do seculo xvii, era filho d'um nobre fidalgo hespanhol. Apesar de não lhe faltar riqueza, que lhe permitia legar a seu filho mais que o sufficiente para nunca precisar trabalhar, o pae entendeu que devia dar-lhe uma educação affmorada, que o fizesse respeitar, não pelo dinheiro que possuia, ou pelos titulos de nobreza, mas sim pelas suas qualidades pessoais.

Era ainda bem pequeno o filhinho do nobre fidalgo, mas já sabia ler e escrever. Além d'isso, mostrava uma grande habilidade para o desenho. O seu maior divertimento era pegar n'um lapis e começar a fazer bonecos e animaes. E claro que não fazia coisa perfeita; mas nem por isso deixavam de ter graça as ingenhas rabiscas do pequenito.

Fortuny foi um dia visitar o fidalgo, para lhe pagar a visita que lhe fizera ao seu gabinete de trabalho. Viu a encantadora creança, conversou com ella, e ficou admirado da sua espezteza, de já saber ler, e tambem... dos desenhos que fazia.

O pequenito, sabendo que estava fallando com o maior pintor da Hespanha moderna, mostrava-se contentissimo. Fortuny chegou a commover-se com o enthusiasmo da gentil creança.

— Quero deixar-lhe uma recordação, meu querido menino — disse-lhe elle. — É a lembrança d'um collega — acrescentou, sorrindo, o grande artista, apontando para os innocentes desenhos que o pequenito lhe mostrára. — Ora vamos, sente-se n'aquella cadeira e esteja quietinho.

O fidalgo obedeceu, e Fortuny, puxando pelo seu album de apontamentos, começou a tirar-lhe o retrato. Pouco tempo se demorou.

— Deixe ver — disse o pequenito.

— Logo.

— Então a recordação?

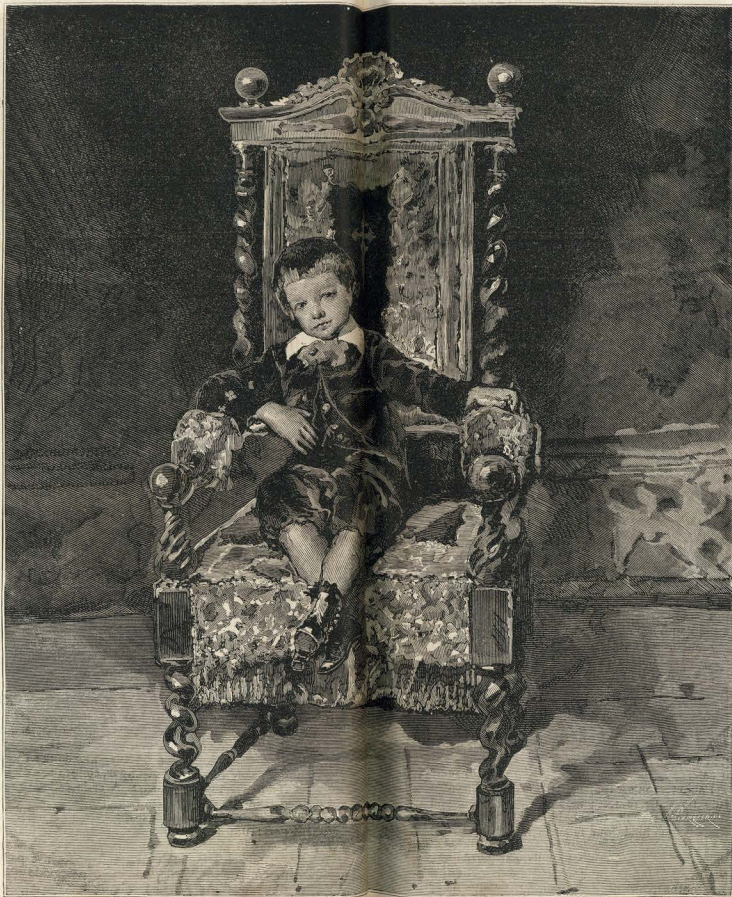
— Logo.

Fortuny despediu-se e sahio.

Horas depois, apresentava-se no palacio um moco, levando um embrulho para o filho do opulento fidalgo. Rasgaram os papeis do embrulho, e encontraram uma preciosa aguarella, representando o pequenito na sua cadeira senhoreal. Imagine-se a alegria da creança, e a commoção do pae!

Querem saber, meus juvenis leitores, quanto valia aquelle trabalho de Fortuny? Seis contos de réis! tanto foi o que offereceu por elle um banqueiro suizo; mas a offerta foi regeitada.

O menino de que se trata deve ser hoje um homemsinho, mas de certo conserva ainda a lembrança que lhe deixou o collega Fortuny.



UMA AGUARELLA DE FORTUNY

O SEGREDO DE BÉBÉ

(CONTINUAÇÃO)

Eu conheço desde o noutono  
um pequeno encantador;  
tinha uma irmã, pobre flor,  
que de quinze annos morria.  
Quando vi a vez primeira  
o traquinhas gracioso,  
p'lo jardim, malicioso,  
par'ceu-me que se escondia.

Co'as mãosinhas rochunchudas,  
nos ramos onde chegava  
um delgado fio atava  
ás folhas que iam cair.  
«Que fazes tu, pequerrucho?»  
Elle olhou-me admirado,  
porém logo socegado  
me disse baixo a sorrir:

«Gosto de tí; um segredo  
vou dizer-te, mas vê lá,  
não te rias e nem cá  
o contes a mais ninguém;  
olha que eu sou o Bébé,  
que brinco aqui no terraço,  
e sabe mais que já faço  
cinco annos p'ra o mez que vem.

«Vim brincar p'ra aqui sóssinho,  
mas não me sinto contente,  
porque a mana está doente...  
tão doente que ella está!  
O doutor, que é muito serio,  
— não é mau — mas a mamã  
sempre, á tarde e de manhã,  
chora quando elle vem cá.

«Quiz saber qual o motivo  
que a fazia assim chorar;  
tu não me deves falar  
por isto que vou dizer.  
Hontem, detraz d'um armario,  
bem vês que não é maldade,  
para saber a verdade  
me fui calado esconder.

Elle dizia: «Vós védes  
as folhas que estão pendidas?  
com as ultimas cahidas  
ha de vos ella deixar!»  
Aqui está pois porque eu ato  
as que pendem para o chão,  
mas são tantas! tantas são!  
... queres tu vir-mê ajudar?...

MARIA RIBEIRO ARTHUR.

## AS PERGUNTAS DE SUSANA

POR EMILIO DESBEAUX

(Continuado do numero antecedente)

## CAPITULO V

## UM COSINHEIRO SUSCEPTIVEL

Apenas o irmão acabou de fallar, Susana olhou para o que tinha no prato, e, ou fosse em virtude das palavras de Paulo, ou porque lhe chegasse o appetite, começou a comer muito calada.

Mas, desde que conhecia a utilidade do alimento, era outro o aspecto do seu gracioso semblante. Parecia mostrar um certo respeito pelos bocados de carne que os seus dentinhos esmagavam.

Observando a gravidade de Susana, o avô, a mãe e o irmão não poderam deixar de sorrir.

— Eu bem sei porque riem — disse a pequenita, reparando nos tres.

— Então porque é? — perguntou a senhora de Sannois.

— Porque imaginam que eu não percebi nada do que o Paulo me explicou.

— Enganas-te, minha filha; estamos persuadidos do contrario.

— E melhor ficarei comprehendendo tudo quando o mano acabar a sua historia.

— Que dizes tu? — perguntou Paulo espantado.

— Digo que paraste ao chegar ao sangue, que para mim é apenas um liquido vermelho, e certamente me podes dar melhores explicações d'esse liquido. Ora ahí está o que eu digo e o que eu desejo.

— A pequena tem razão — apoiou o sr. de Beaucourt. — É necessario que o Paulo tome de novo a palavra.

— Está bom, está bom, obedeço — disse o engenheiro. — Tomaste sentido, minha curiosa, que o chylo, que vae juntar-se ao sangue, é o producto da digestão. A digestão, repara bem, é a operação que tem por fim transformar os alimentos em chymo, e depois em chylo.

— N'uma papa muito branca — atalhou Susana, para mostrar que não se esquecia das coisas.

— Justamente. Quando se diz «uma boa ou má digestão», quer dizer que essa operação se fez melhor ou peor. A má digestão provém do estomago ou do intestino, os quaes, não estando de saude perfeita, executam mal os seus movimentos de contração, ou não molham sufficientemente, com o auxilio dos succos de que te fallei, os alimentos que devem transformar. Cumpre dizer que ha alimentos mais difficeis de digerir do que outros; diz-se d'elles vulgarmente que são muito pesados.

— Por exemplo, o mexilhão! — exclamou Susana, fazendo uma careta, porque se lembrára d'uma indigestão que lhe produzira aquelle marisco.

— De facto, o mexilhão é um dos alimentos

que os estômagos debeis ou enfraquecidos digerem com difficuldade; por outra: custa-lhes a transformal-o em chylo. O estômagos pôde ser considerado como um cosinheiro. Se lhe derem comidas simples, cosinha-as facilmente; mas se, pelo contrario, lhe apresentarem manjares complicados, pôde ás vezes atrapalhar-se.

— O que não ha perigo, é esse cosinheiro suicidar-se, como fez o afamado Vatel — disse o sr. de Beaucourt.

— Vatel? quem era esse sugeito? — perguntou logo Susana.

— Não me lembrava d'esta curiosa! — exclamou o bondoso velho, sorrindo. — Queres então saber a historia de Vatel?

— Quero sim, avôsinho.

— Vatel era o cosinheiro do principe de Condé. Um dia, o principe convidou o rei Luiz XIV para um jantar no seu castello de Chantilly, e encarregou Vatel de organizar o serviço.

Luiz XIV levou uma comitiva muito maior do que se esperava, o que fez com que o assado faltasse em diversas mezas. Isto causou grande impressão em Vatel, que era, como vaes ver, um cosinheiro extraordinario. O pobre homem não se cansava de repetir: «Estou deshonrado! Não posso sobreviver a similhante falta!»

Deram parte ao principe de Condé do grande desgosto de Vatel; e, por isso, no fim do jantar, foi ter com elle, e disse-lhe para o consolar: «Vae tudo optimamente, Vatel. O jantar foi excellento.»

Vatel respondeu: «Meu principe, a vossa bondade confunde-me; eu bem sei que faltou o assado em duas mezas!» — Ora qual! respondeu o principe. Não penses n'isso. Vae tudo ás mil maravilhas.»

Vatel não pôde dormir em toda a noite. Ás quatro horas da manhã levantou-se e dirigiu-se ás cosinhas. Os criados apresentaram-lhe apenas dois cabozes com peixe.

«— Só isto? — perguntou o cosinheiro, estrelecendo.

«— Nada mais podemos arranjar.

«— Oh! a esta affronta é que eu não resisto! — exclamou Vatel.

E subindo ao seu quarto, apoiou contra a porta os copos d'uma espada, e fez-se atravessar por ella, cahindo logo morto. Aqui tens a historia do celebrado Vatel.

— Por pouco se amuava o tal cosinheiro. Que homem! — observou Susana com o seu bom senso habitual.

A reflexão da pequenita fez rir todos. Em seguida dirigiram-se para a sala, para lá tomarem o café.

Paulo tentou escapar-se, para ir fumar um charuto no seu gabinete; mas a Susanita, que não o perdia de vista, tomou-lhe a frente, dizendo:

— Temos ainda que fallar, senhor meu irmão. Logo irá fumar.

É Paulo, que sempre accedia aos desejos da sua manasinha, resignou-se a guardar o charuto e a continuar as explicações interromptas pela historia do cosinheiro Vatel.

## CAPITULO VI

## UMA CARTA QUE VEM DE LONGE

Pouco depois de entrarem na sala, appareceu um criado trazendo uma carta.

Ao ver o sobrescripto quasi coberto de estampilhas, a senhora de Sannois soltou um grito de alegria.

« Quando receberem esta carta, estarei sem duvida no meio do Oceano... »

Lendo estas palavras, a senhora de Sannois fez uma pausa. Recordou-se do que o seu espirito entrevira horas antes, isto é, um navio lutando com uma tempestade furiosa.

Acaso se realisaria aquelle terrivel presentimento? Acaso áquella mesma hora o seu querido esposo estaria em lucta com o furor do vinda-



Apoiou contra a porta os copos d'uma espada...

— É de vosso pae! — disse ella aos dois filhos. Paulo e Susana aproximaram-se muito comovidos.

A senhora de Sannois rasgou o sobrescripto e leu o seguinte:

« Minha querida.

« Acabo de saber n'este instante que está terminada a minha commissão. Posso, finalmente, voltar para o teu lado, para ao pé dos nossos queridos filhos!

« Escuso dizer-lhes qual é a minha alegria; de certo a comprehendem, porque tambem a sentem.

val? E podera sahir vencedor n'aquelle medonho combate?

Susana adivinhára o pensamento de sua mãe. Correu a abraçal-a, dizendo-lhe:

— Mas se não ha perigo, mamãsinha! Tu mesma m'o disseste!

O avô e o Paulo fingiram-se muito fortes, tentando afastar do espirito da senhora de Sannois aquelles tristes presentimentos.

A boa senhora continuou a leitura:

« Conto estar em Paris em fins de janeiro, ou principios de fevereiro; mas se não chegar n'esse tempo, não se inquietem. O meu navio já mos-

trou quanto vale: está á prova das surpresas do mar, e levar-me-ha sem perigo á minha querida França.

« Que saudades tenho da Susaninha! Sempre curiosa, não é verdade? Quanto me tarda abraçar o meu Paulo — o nosso sabio engenheiro — e o meu estimavel sogro! Abraça-os todos por mim, minha adorada companheira. »

A senhora de Sannois desempenhou-se gostosamente d'aquelle encargo, enviado de tão longe. Todos tinham os olhos humidos de lagrimas.

A Susaninha descobriu no fim da carta mais algumas linhas.

— Ainda não leste tudo, mamã — disse ella.

— É verdade, falta o *post-scriptum*.

E leu:  
« O Paulo, na sua ultima carta, falla-me extensamente d'uma menina chamada Thereza de Montlaur. Adivinho facilmente o doce projecto que elle acaricia; mas é  *muito importante* que eu saiba se a menina de Montlaur pertence a uma familia do mesmo nome, um dos membros da qual era em 1855 segundo tenente de marinha. »

Este *post-scriptum* causou um grande espanto na familia. Então o sr. de Sannois conhecia os Montlaur? Porque julgaria  *muito importante* o esclarecimento que pedia?

O pae de Susana nunca fazia as coisas ao ar; portanto, a informação que exigia era de certo muito séria.

Paulo ficou muitissimo inquieto. Via já levantar-se um insuperavel obstaculo á união com que sonhára.

(*Continúa*)



## ALEGRIAS

— Justina, traze-me um copo d'agua.

A criada foi buscar o que a ama lhe pedia.

— Sempre és muito brutinha! Devias trazer o copo n'uma bandeja, ou n'um pires. É assim que se servem as coisas.

No dia seguinte, a ama ordenou:

— Justina, as minhas chinellas.

A Justina não se esqueceu da lição da vespera: trouxe as chinellas sobre uma bandeja de prata!

Ao entrar n'uma sala um sугeito, um outro disse para o seu visinho:

— Que typo aquelle! Basta olhar-lhe para a cara para se conhecer que é tolo.

— Pois olhe que a cara engana. . .

— Sim?

— Sim, porque é ainda mais tolo do que parece.

Calino estava n'um café com um amigo. Quando iam a sahir, chuvevaca.

— Nada, não saio por enquanto; — disse Calino — não quero estragar o meu chapéu novo.

— Pois tome lá o meu.

Trocaram os chapéus e os dois amigos sahiram de braço dado.

— Agora bem me importa a mim que chova! — disse Calino com os seus botões, sorrindo da generosidade do amigo.

Meu caro amigo.

Esqueceu-me hontem em tua casa a minha caixa de rapé. Manda-m'a pelo portador d'este bilhete, que é pessoa de confiança.

*Post-scriptum*. Quando ia a fechar a carta, encontrei a caixa em cima da secretária. Não te incommodes a procural-a.

Teu velho am.º

Calino.

— José, vac já levar esta carta.

— Ora  *seu* Anastacio, isso de vacina é uma historia!

— Não é tal, só Lourenço. O meu rapaz esteve muito mal, e disse o medico que, se não fosse vacinado, teria ido para os anjinhos.

— Homem, não me conte lérias! O filho do Joaquim da tenda, um rapazito forte e traquinas, muito bem vacinado, e em dois dias foi-se embora.

— Em dois dias?

— É tal e qual. Caihu da janella abaixo. . . e foi uma vez. Vá a gente lá fiar-se em vacinas!

— Ó compadre, pois não sabe o que me aconteceu?

— Que foi?

— Semei tres alqueires de batatas, e que imagina que me appareceu?

— Ora é boa! appareceram-lhe batatas novas.

— Não senhor: appareceram dois porcos velhos, que as comeram todas.

## PALAVRAS EM CRUZ

(*Explicação do numero antecedente*)

V  
A  
I  
O  
J  
U  
L  
I  
O  
E  
N  
C  
A

## CORRESPONDENCIA

MONGHIQUE — *Alves e Carneiro Junior*. — É muito louvavel a gratidão que pateciam ao seu illustrado professor, o sr. José Antonio Gascon, por elle os ensinar com esmero e carinho, offerecendo premios aos alumnos mais applicados. E' que o sr. Gascon não lê pela cartilha da D. Engracia da comedia *ofabro a palmarioria!* Bem haja elle.

Tratem os meus meninos de ser dignos dos esforços do seu benemerito professor, conquistando algum dos premios que elle destina aos bons estudantes.